

Introdução

Este livro é resultado de meu concurso para professor titular na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, onde sou professora.

Na verdade, estava eu posta em sossego em Londres, onde passaria um ano com bolsa de pós-doutorado, quando me chegaram as primeiras notícias de que finalmente o movimento de professores conquistara o concurso. A luta de tantos meses chegava ao fim, e nós vencêramos. Essa luta havia começado muito antes de minha saída do Brasil, mas a distância, no espaço e no tempo, me fizera esquecer aquilo por que tanto lutei. E, ao começarem as pressões, minha reação, longe de ser de alegria, foi de dúvida.

Meus amigos me avisavam que finalmente saíra o edital para o concurso.

E eu esperava mais detalhes, sem grande entusiasmo, embora já soubesse que eram exigidos uma tese e um memorial.

Sentia-me absolutamente dividida. Sabia ser importante passar por mais um dos inúmeros rituais de passagem da Academia. Sabia ser de fundamental importância para o grupo ao qual estou ligada (nacional e local) — e para o “meu grupo” de pesquisa — que eu conquistasse o título de professor titular.

Essa foi uma decisão de grupo, tomada antes de minha vinda para Londres.

Mas a que preço, pensava eu agora.

Como interromper um processo tão rico de revisão crítica de minha vida pessoal e profissional, e retornar às amarras das exigências acadêmicas? Como pôr de lado seis meses de estudos e discussões sobre o poder na escola (desde a pré-escola à universidade)? Como me obrigar a esquecer os estudos e discussões que vinha desenvolvendo com Gunther Kress sobre o sentido da forma e aceitar a forma autoritária de uma tese?

Minha primeira reação foi me recusar a fazer o concurso.

Não é esse o meu momento, diria eu. Impossível interromper um processo de “passar a limpo” uma vida e cair na armadilha da prova, da tese, do memorial, das normas, da submissão ao poder.

No entanto, pouco a pouco as pressões externas foram encontrando eco em minhas próprias pressões internas. As pressões externas diziam “Torcemos por você” ou “Precisamos de você” ou “Não podemos deixar de fazer, todos, este concurso” ou até “Pode ser a nossa última chance. É agora ou talvez nunca mais”. As internas, quem sabe até mais fortes, se devem a um terrível superego, construído desde a minha infância, e do qual não caberia tratar numa Tese mas no Memorial, que, segundo as normas, seria o espaço próprio para se falar de coisas pessoais. Como se fosse possível essa divisão.

Mais uma vez surgia a falsa separação entre objetividade e subjetividade, dualismo tão velho quanto a chamada civilização ocidental e cristalizado no cristianismo, que nos impôs o bem como oposição ao mal, e com isso a idéia de pecado, de culpa, de purgação. Paradigma que se origina nas exclusões platônicas a partir da identidade belo-bom-justo-verdadeiro, base de todas as exclusões, platônicas e futuras, que nos ensinaram a pensar a diferença de sexos, o normal e o anormal, o maturo e o imaturo como oposições, a separar arte de ciência e, obviamente, uma concepção positivista de sociedade e de ciência. Mais uma vez a exigência da neutralidade, só possível

pela crença na objetividade, que é negação da subjetividade. Mas, paradoxalmente, o que é apresentado como Ciência, muitas vezes nada mais é do que uma questão de fé. Bem, mas estas foram algumas das questões discutidas por mim na tese.

O fato é que as pressões, objetivas e subjetivas, acabaram por se encontrar, materializando-se no que convençamos denominar compromisso. Compromisso com um grupo, compromisso com um projeto político, compromisso que dá sentido à minha vida.

E já estava eu fazendo a Introdução de minha tese.

Concluí que o que me conflitava era conciliar o compromisso construído em uma vida e a liberdade conquistada, ou melhor, sendo conquistada, penosamente, lentamente, com avanços e recaídas.

Meu processo de escolha e de criação sempre foi sofrido e lento. Não haveria de ser diferente desta vez. Demorei algum tempo para me decidir. Passado o tempo, e feita a opção, pude tomar consciência de que em nenhum momento meus amigos e amigas tiveram alguma dúvida de que eu aceitaria fazer o concurso. Jamais me responderam quando eu lhes escrevia contando minha divisão. Limitavam-se a fornecer as informações que lhes solicitava. É bem verdade que as informações vinham sempre com o estímulo à aceitação. Era como se não quisessem admitir que eu pudesse ter alguma dúvida em relação ao que lhes parecia inquestionável.

Na verdade, só fiz a opção quando encontrei uma forma de fazer a tese sem me violentar. Isso exigiria de mim coragem e competência, sabia eu. Coragem para enfrentar o formalismo da Academia e sua dificuldade de aceitar o que rompe com suas verdades e com sua concepção estreita de ciência. Competência para dizer aquilo em que acredito, da forma que acredito, e, ao mesmo tempo, fazê-lo revelando o domínio dos conhecimentos que a Academia valoriza, pois a tese seria avaliada pelos doutores da Academia e por seus critérios, em geral rígidos. Eu não pretendia apenas desafiar a Academia,

mas apresentar formas mais criativas de fazer ciência. Além disso, era fundamental para mim que fosse aprovada. Uma tarefa que me parecia hercúlea para o pouco tempo de que dispunha. Talvez uma pretensão além de minhas forças.

Felizmente, não só consegui chegar ao fim e apresentar a tese e o memorial, como fui aprovada, com comentários muito generosos da banca, o que me fez pensar na minha própria rigidez ao generalizar o que não é generalizável. A Academia é rígida, embora seja em seu interior que se produz a sua própria crítica. Se alguns intelectuais têm uma visão estreita de ciência, outros produzem e/ou aceitam conhecimentos que apontam para novos paradigmas, que enriquecem a nossa visão da realidade. Logo...

A tese, decidira eu, seria a síntese, ainda que provisória, de minha vida pessoal e profissional, incorporando minha experiência pós-doutoral. Encontrara finalmente a forma de conciliar o que até então me parecia impossível. Na verdade essa tese já estava anunciada nos textos que eu produzira durante o primeiro semestre, após concertos, exposições, conversas — vividos na Europa ou recordados de outros momentos e de outros encontros em minha vida pessoal e profissional.

A imagem que me ocorria era a de vários rios que deságuam num estuário. Os rios são os diversos caminhos por que passei em minha já longa caminhada. O estuário recebe as águas e as transforma, embora ali estejam tantas e tão conhecidas águas. Ao se encontrarem no estuário, elas adquirem uma qualidade diferente das já conhecidas águas, embora, para os que aprenderam a ler os mistérios das águas, ali estejam todas as qualidades anteriores, alquimizadas em nova qualidade.

Preocupava-me também que a elaboração da tese fosse um momento prazeroso de criação e, talvez, o mais difícil, que a sua futura leitura pudesse ser tão prazerosa para aqueles que porventura viessem a lê-la quanto a sua criação teria sido para mim — e, sobretudo, que meu trabalho pudesse ser lido e compreendido por quem está na escola alfabetizando.

Que eu pudesse ouvir mais uma vez o que já ouvira em Juiz de Fora ao relatar a situação, observada por Zaccur em nossa pesquisa, da criança que solicitava à professora “Fala português, professora”: ao terminar a minha fala, uma das professoras observou:

“Obrigada por falar português, professora.”

Como por acaso (teria sido acaso, ou premonição?), eu re-encontrara em Paris dois autores de minha paixão — Georg Groddeck e Walter Benjamin. Embora hajam vivido na mesma época e fossem parte da mesma cultura, não tenho notícia de que se tivessem conhecido. Passaram por formações diferentes e trataram de questões aparentemente diferentes. Porém tinham em comum o inconformismo, a crítica aguçada, a originalidade na forma e no conteúdo, a fidelidade obsessiva àquilo em que acreditavam. Ambos foram considerados *sauvages* e por conseqüência *maudis*. Foram compreendidos por poucos enquanto vivos. Groddeck manteve uma rica correspondência com Freud, e Benjamin, um diálogo permanente com Scholem e com Adorno. Mas até hoje os “comportados” os olham com desconfiança. Aliás, nenhum dos dois era “confiável” para o sistema.

Por caminhos diferentes, ambos denunciavam a fragmentação a que se conformam os homens e as mulheres, e dizem isso por meio de fragmentos.

Um, Groddeck, investiga a fragmentação a partir dos pântanos da alma, para além do consciente, e cria o *isso*, na mesma época em que Freud descobre o inconsciente. Alguns consideram ter ido muito mais longe do que Freud. O *isso* nem seria físico nem psíquico, mas teria nessas duas maneiras de ser as suas funções. Seria singular e plural, simultaneamente, unidade e pluralidade, o que o faria dependente e, portanto, independente. Como Goethe, Groddeck acreditava que “toda atividade em que persistimos sem a equilibrar com seu contrário nos conduz finalmente ao fracasso”. Valeu-se mais da

intuição do que da razão, defendendo o importante papel da intuição no trabalho científico. E era extremamente crítico em relação ao papel da Universidade. Em 1895, afirma:

“O funesto não é que nós aprendemos pouco na Universidade, mas que aprendemos o falso”; e continua: “A educação errada, que educa a pensar estreitamente, que rompe as asas da arte e que cultiva a especialização, é o câncer da medicina moderna.”

Pensando com as mãos, como avaliou Roger Dadoun, ele fazia o diagnóstico e o tratamento tocando os corpos com o recurso de massagens. Assim foi construindo um discurso da afetividade cotidiana. Era a práxis que lhe interessava. Valia-se alegremente da analogia, da comparação, da metáfora, para teorizar sobre a sua prática. Jamais alguém levou tão longe as consequências lingüísticas do inconsciente, embora alguns creditem a Lacan este papel. Como conheço mais Groddeck do que Lacan, deixo aos “especialistas” esta discussão.

O que me interessa especialmente em Groddeck é que, para ele, cada palavra é a alegorização de um processo inconsciente, o que me parece fértil para quem pesquisa o processo de aquisição da linguagem. Religa a morte e a mãe pela lembrança dos primeiros prazeres. Reencontra profundamente as mesmas imbricações entre vida e morte, entre agonia e criação. E afirma o processo de cura como um processo de conquista da liberdade. E, parodiando Groddeck, afirmo que se a educação não for um processo de conquista da liberdade, de nada nos servirá.

O outro, Benjamin, estuda a fragmentação a partir da sociedade e da cultura a que estão submetidos os homens e as mulheres. Pretendeu construir uma teoria sobre a fragmentação com uma escrita fragmentada. Para descrever a fragmentação total, valeu-se de uma escrita totalizante, com letras grandes e pequenas, fragmentadas a todo momento; letras quebradas e fraturadas que permeiam toda a sua escrita. Cria a ideogramática, letras geométricas simétricas, uma simetria assimétrica. Tratava-se para ele, não de uma metáfora, mas de um

problema de materialidade. Tentava criar uma escrita materialista dialética para alguns problemas materialistas tradicionais. Por exemplo, quando escreve sobre o Barroco usa as letras empregadas à época, buscando o paralelismo entre a letra e a figura, entre o conteúdo e a forma. Quando escreve os *CADERNOS DE AFORISMOS* o faz através de montagem surrealista. Tenta ao máximo compreender o sujeito de que fala. Em sua obsessão pela unidade, retoma a idéia de Obra Total de Wagner, radical que sempre foi.

Benjamin pretendia criar uma escrita internacional conversível que renovaria a vida do povo, num processo de revolução permanente. Fala de um saber corporal e não somente de um saber mental. Escreve vários fragmentos sobre o momento corporal de conciliação de movimento e contramovimento, posição-oposição, tentando estudar o movimento no que lhe parece sua própria lógica.

Groddeck pretendia encontrar o elo entre o macrocosmo e o microcosmo. Assim como aquele seria o universo na totalidade, este seria o universo no ser humano. Mas ele mesmo afirma em sua nonagésima conferência que “... pretender descobrir um tal centro é uma empresa sem esperança”.

Groddeck e Benjamin têm em comum uma obra constituída de fragmentos — cartas, pequenos textos, pequenas montagens. Os conformados diriam que era como se estivessem se preparando para “a obra”, o que, por coerência, nenhum dos dois pretendeu realizar. Benjamin odiava a idéia de que um dia pudesse vir a ter suas Obras Completas homogeneizadas, obras que escreveu caoticamente, anarco-comunista que era. Groddeck respondia às pressões de Freud, que tentava seduzi-lo para “se assumir como um dos nossos”, temendo que ele se deixasse seduzir pelo abismo, com um “...quem sabe, um dia...”. Aliás, ambos foram sempre pressionados para se incorporarem ao mundo comportado — da Academia, Benjamin, e da Sociedade Psicanalítica, Groddeck.

Acredito que o que Murielle Gagnebin afirmou de Groddeck possa ser extensivo a Benjamin:

“Aussi devrait-on se demander si la force de Groddeck ne résidait pas plutôt dans la transgression qui forme le noyau de toute métaphore?”*

Difícil traduzir uma citação mantendo o jogo de palavras que nos leva ao grego, em que “metaphora” vem de meta — para além de; *pherô* — eu levo, e que “transgressão”, de raiz latina, tem o mesmo sentido. As duas palavras foram perdendo o sentido original, tanto no francês quanto no português. E hoje metáfora tem o sentido da substituição de uma palavra, geralmente associada a uma idéia, por outra palavra ou imagem — como quando Paul Klee diz que o conhecimento se funda em raízes de onde saem frondosos ramos. E transgressão tem o sentido de subversão. O subversivo, na palavra de Paul Klee, é trazer a força e o mistério do crescimento da árvore, da natureza, para a área do conhecimento, coisa humana, social. Quando as metáforas são comuns, as pessoas perdem a consciência do seu lado subversivo. Fala-se da árvore do conhecimento sem perceber a hipótese de uma ligação — ultrapassando os limites de áreas muito diferentes, entre a natureza e a sociedade — que existe nessa metáfora. Tudo isso para dizer que Gagnebin afirma que “nos deveríamos perguntar se a força de Groddeck não residiria sobretudo na transgressão que forma o núcleo de toda metáfora”.

Groddeck e Benjamin inventaram palavras e imagens novas para falar das coisas que pareciam as mais conhecidas, ou para falar de coisas que esquecêramos de colocar em palavras ou imagens.

Tanto um como o outro nos convidam a olhar o passado para compreender o presente e antever o futuro; eles criam palavras e imagens “dialéticas” em que presente, futuro e passado são coetâneos, numa tensão que obriga a pensar, a imaginar, a sonhar e a lutar. Tanto um como o outro nos convidam

* “Também não nos deveríamos perguntar se a força de Groddeck não residiria, sobretudo, na transgressão que forma o núcleo de toda metáfora?”

a ir à escola da vida nas ruas e desconfiam da escola sem vida, presa em muros e grades, reais e simbólicos.

Valendo-me destes dois autores — pois a Academia só permite fazer algo quando alguém reconhecido o tenha feito —, usei, como estilo, fragmentos, juntando os fragmentos acumulados em minha vida, para a eles dar sentido ao transformá-los numa tese.

“... du bricolage théorique qui caractérise la pensée sauvage. Bout à bout, les idées, les mots, les théories se mêlent à des histoires racontées: une nourrice qui se mettrait à réfléchir sur sa pratique.”*

Fragmentos — no dizer de Lévi-Strauss, bricolagem teórica —, que pacientemente costurei, tentando lhes dar sentido para que pudessem transformar-se numa tese. Histórias contadas, histórias vividas, histórias criadas, por mim e por outros, histórias que pretendia recontar por meio de cartas a meu grupo de pesquisa, eu em Londres, elas e ele (só temos um companheiro em nosso grupo) reunidos em nossa sala de reuniões das sextas-feiras na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

Procuraria incorporar cada momento impactante para mim: a visita à exposição dos trabalhos de Leonardo da Vinci (de arte, de ciência, de técnica e de tecnologia); a mostra de fotografias de Sebastião Salgado — *La main de l'homme*; o concerto de música medieval no Museu Cluny; “*Sounds of Blackness*”, no Hammersmith Apollo; ver o David de Michelangelo, as flores dos jardins de Hamstead, a exposição de Matisse no Beaubourg, a exposição no British Museum de Duzentos Anos de aquarela; a missa de Páscoa no Panteon em Roma; os *healing services* em Marylebone Parish; assistir às semifinais e finais do campeonato de tênis em Wimbledon; visitar o túmulo

* “... uma colagem teórica que caracteriza o pensamento selvagem. Pedaço a pedaço, as idéias, as palavras, as teorias se misturam a histórias contadas: uma ama-de-leite que se pusesse a refletir sobre sua prática.”

de Karl Marx, a casa de Dante Alighieri; conhecer as universidades de Salamanca, de Coimbra, de Cambridge, o *palazzo* dos Medici ou o Edinburgh Castle. Traria de volta relatos de professoras alfabetizadoras, histórias colhidas no cotidiano escolar, observações de sala de aula em que interagem professora e crianças, momentos de *insights* individuais ou coletivos, nossos e de outros pesquisadores e pesquisadoras. Estava disposta a usar sem cerimônia a teoria para tentar explicar o que a prática me revelasse.

Tanta coisa vista, ouvida, tocada, sentida, lida, pensada. Momentos de fruição estética e de reflexão intelectual. Momentos de grande emoção. Momentos totalizadores para mim.

Na medida em que recuperava a emoção de cada momento vivido neste meu pós-doutorado, crescia em mim o desejo de compartilhar com meus companheiros e companheiras de caminhada, não apenas a emoção, mas também as descobertas e redescobertas, aprendizagens sempre.

Foi tomada por essa emoção que me decidi à aventura da tese e do memorial.

Como já havia decidido, a tese e o memorial não seriam apenas o cumprimento de um ritual para obter um título, embora o título seja importante na Academia — que, afinal, é parte fundamental de minha vida. Eles seriam, mais que tudo, canais de socialização de minhas experiências e reflexões, vividas sempre com paixão.

E uma última questão, que seria preciso esclarecer. Tratava-se do título da tese: “Conversas de professoras sobre alfabetização”, título com o qual a apresentei no concurso, e que agora quando a transformo em livro, mudo para *Cartas Londrinhas — e de outros lugares em busca do lugar da educação*. A mudança se deveu a sugestão do editor, com a qual concordei.

Volto ao título original por uma questão para mim importante — o genérico feminino, *professoras*, e não o usual masculino. Uso o feminino porque das quinze pessoas que trabalham na pesquisa apenas uma é do sexo masculino, e, da totalidade das pessoas que trabalham nas primeiras séries, as chamadas

classes de alfabetização, pelo menos 90% são do sexo feminino. Por que então continuar a generalizar a partir do masculino, se o feminino constitui a maioria, tanto em nossa pesquisa quanto nas escolas primárias?

Eu poderia, no máximo, dizer: “Conversas de professoras e professores sobre alfabetização”, embora historicamente o feminino tenha sempre desaparecido na generalização a partir do masculino. Quando se queria generalizar Homens e Mulheres se dizia *Os homens*, ou *Todos os homens*, jamais *Os homens e as mulheres*, ou *Todas as mulheres e homens*.

Assim, por coerência e como parte de minha luta pela expressão das maiorias ditas minorias, usei o feminino no título e em todas as situações em que me referi a mulheres, ainda que também houvesse homens.

E volto à escolha de utilizar cartas numa tese para concurso de professor titular, fugindo aos cânones acadêmicos.

Como já afirmei, encontrava suporte em Groddeck e Benjamin. Para início de conversa.

Isso porque, ao me decidir por cartas, reencontrava Gramsci em suas *Lettere dal carcere*, *Quaderni dal carcere*, cartas anteriores ao cárcere, *scritti*, cadernos de miscelânea, enfim, fragmentos. Muitas vezes anotações, com o aparente propósito de preparação para a obra.

Mas apesar de pretender escrever algo que ele mantém no alemão, um *für ewig*, um eterno, era vencido sempre pelo espírito jornalístico que o atraía para o conjuntural, para as questões do momento que exigiam um posicionamento — necessidade de quem vive comprometido com a ação transformadora. Seus escritos eram sempre direcionados por um compromisso político claro, que o levou à prisão e à morte.

A luta permanente e radical contra a fragmentação da realidade e o empenho na recomposição orgânica da história foram a marca da vida de Gramsci, cuja lucidez o fez perceber a inevitabilidade do pessimismo da inteligência e do otimismo da ação. Critica radicalmente a sociedade e luta apaixonadamente por transformá-la, de reino da necessidade em reino da

liberdade, não num amanhã remoto mas no hoje possível, em que a organicidade histórica entre necessidade e liberdade seria recuperada. Os homens (e as mulheres) estariam historicamente escravizados pelas necessidades, resultado da exploração de seu trabalho. No entanto, estaria no próprio trabalho a possibilidade de construir a sua liberdade. A liberdade seria, portanto, forjada no e pelo próprio trabalho, na medida em que o trabalhador administrasse o que produz e dirigisse a política de produção e de distribuição. No processo de conquista da liberdade a escola desempenharia um papel fundamental, pois ela seria uma das formas de expressão dos homens em sua luta pela liberdade. As possibilidades de libertação são, ao mesmo tempo, viabilizadas e limitadas pelas condições históricas, e o papel da educação seria de otimizar o potencial libertador.

Em 1924 Gramsci afirma, orgulhoso de sua opção: "Apaixonei-me assim pela vida, pela luta, pela classe operária", e leva esta profissão de fé a suas últimas conseqüências.

Só os apaixonados fazem História.

E, pouco a pouco, vão surgindo outros nomes no baú de minhas recordações. As cartas de Mário de Andrade para Carlos Drummond de Andrade, e as mando buscar no Brasil. A *Carta a meu pai*, de Kafka, as cartas sobre educação, de Makarenko. E mais os livros de Paulo Freire, sempre conversas — e cartas são conversas com quem não está presente. E vou ao prefácio de *The making of the English working class*, onde E. P. Thompson afirma:

"This is a group of studies, on related themes, rather than consecutive narrative. In selecting these themes I have been conscious, at times, of writing against the weight of prevailing orthodoxies."*

* "Este é um grupo de estudos sobre temas relacionados, mais do que uma narrativa consecutiva. Ao selecionar estes temas, tive consciência, em alguns momentos, de escrever contra o peso de ortodoxias prevalentes."

Como Thompson, eu me arriscaria a escrever contra o peso das ortodoxias: em vez de uma narrativa consecutiva, apresentarei um conjunto de estudos sobre temas relacionados.

É claro que no decorrer do trabalho outros autores apareceram. E na medida em que foram aparecendo, iam sendo nomeados. No entanto não era isso o que me parecia importante. Os autores sejam reconhecidos por aqueles que os conhecem. Para os que não os conhecem, de que vale a citação? — a não ser por um inibidor pernóstico acadêmico, contra o qual me bato.

Ainda encontrei um outro autor que cito com prazer, pois me ajudou a elaborar uma tese para ser lida e não para ser guardada nas gavetas da biblioteca da Universidade, ou transformada, após a defesa, em algo legível. Imaginem o paradoxo — escrever uma tese sobre leitura, que ninguém consegue ler. Trata-se de meu amigo Celestino Alves da Silva Júnior, que em seu texto "A tese do livro-tese" defende a tese não-sacralizada, mas pronta para ser imediatamente utilizada.

Estava ali o argumento que me faltava para elaborar uma tese com mais liberdade e, sobretudo, mais coerência com tudo aquilo que defendo. Eu continuava bem acompanhada. Celestino, ao sustentar a idéia do livro-tese, apresenta-o como possibilidade de articulação entre o modo de produção e o modo de circulação do conhecimento. E afirma:

"Se originário da Universidade, este conhecimento terá sido produzido em circunstâncias e sob condições que, se não inviabilizam, certamente dificultam sua divulgação e utilização. A não ser que se postule anacronicamente que o produto da Universidade deve bastar à própria Universidade, torna-se importante buscar fórmulas que abreviem a necessária passagem do circuito da produção para o circuito da disseminação."

Porém me restava um problema. Não pretendia usar uma rigidez cronológica nas cartas. Elas seriam escritas à medida que fossem se mostrando significativas naquele momento. Talvez o que aconteceu no tempo a que ainda denominamos passado

seja o mais presente, e portanto apareça primeiro do que o acontecido depois. Os conhecimentos da física quântica me ajudariam a me fazer compreendida porque afirmam ser possível, ainda que teoricamente, passar do presente para o passado e para o futuro.

Poderia também me valer do teatro, do cinema e da literatura. Nelson Rodrigues, muito antes dos avanços da física, ou pelo menos os desconhecendo, trabalhara em *Vestido de noiva* com o presente, o passado e o futuro no mesmo "tempo" teatral. Depois dele, Alain Resnais, em *L'Année dernière à Marienbad*, também se valera dos três tempos para contar a sua história. E, um pouco mais tarde, o *nouveau roman* retoma a mesma idéia e Alain Robbe-Grillet contrapõe presente, passado e futuro em diálogo permanente.

A Arte anunciava a Ciência.

E por que não me apropriar das inovações da Arte e dos avanços da Ciência e falar de Educação sem respeitar o tempo cronológico?

Assim fundamentada, me pus a escrever as cartas, pensando sempre em meus destinatários mais próximos, meu grupo de pesquisa e, em seguida, nas professoras alfabetizadoras, com quem venho trabalhando há anos. Mais tarde foi surgindo o desejo de falar, para além da escola, com um público "não-especializado" embora interessado no problema da educação neste nosso país — em que sempre se falou na importância da escola, sempre se fizeram leis "avançadas", mas que até hoje não conseguiu resolver sequer o problema do analfabetismo.

Vamos portanto às cartas. Treze cartas, que podiam ser vinte ou dez. Treze porque gosto do número, por razões esotéricas e por razões políticas. Afinal, treze é o número do meu partido, e espero um dia seja o número da sorte para o Brasil.